

**Vítor Quelhas**<sup>1</sup> (vitorquelhas@esmae.ipp.pt)

**Vasco Branco**<sup>2</sup> (vasco.branco@ua.pt)

**Rui Mendonça**<sup>3</sup> (ruimendonca@fba.up.pt)

1 ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA, ARTES E ESPETÁCULO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO / ID+

2 UNIVERSIDADE DE AVEIRO / ID+

3 FACULDADE DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO / ID+

# Representação gráfica de letras: contributo para o seu entendimento

## **palavras-chave**

design  
escrita  
caligrafia  
lettering  
tipografia

## **keywords**

design  
writing  
calligraphy  
lettering  
typography

#### RESUMO

No dia a dia desempenhamos um conjunto de tarefas para as quais é necessário o uso de diferentes formas de representação gráfica de letras, desde uma simples nota num bilhete, a um e-mail ou à formatação de um documento mais complexo e extenso, como um livro. Durante esse processo, podemos recorrer a diferentes métodos e técnicas, que variam de acordo com o tempo e o espaço, a ferramenta de trabalho ou o processo criativo em que se inserem.

O presente estudo pretende realçar a importância de se conhecerem os três modos de representação gráfica de letras: a escrita e a caligrafia, o lettering ou as letras desenhadas e a tipografia e os tipos de letra. Para o efeito procedeu-se a uma análise documental, baseada na revisão bibliográfica, onde se explorou os objetivos, singularidades, fronteiras e se clarificou as definições dos diferentes modos de representação. Entende-se que, para criar projetos gráficos diferenciados, é fundamental compreender as diferenças mencionadas.

#### ABSTRACT

On a daily basis we perform a set of tasks for which it is necessary to use different forms of graphical representation of letters, from a simple note on a ticket, to an e-mail or to formatting a more complex and extensive document, such as a book. In this process, one can use different methods and techniques that may vary according to time and space, the working tool or the creative process in which they operate. This study aims at highlighting the importance of acknowledging the three ways of graphical representation of letters: writing and calligraphy, lettering and typography. For this purpose, a documentary analysis based on literature review was conducted, where the goals, singularities and boundaries of the different representations were explored, while clarifying their definitions. It is understood that, to create distinguished graphic projects, it is crucial to acknowledge the differences mentioned.

## INTRODUÇÃO

As letras, para além da sua função linguístico-simbólica, possuem particularidades na sua representação formal e expressiva, que as colocam no patamar de microscópicas obras de arte (Bringhurst, 2004).

No Design de Comunicação, e mais concretamente na área que se ocupa da comunicação escrita – representação gráfica de letras –, são vários os termos e conceitos que evidenciam o modo como estas se apresentam. Porém, os conceitos não são estanques, evoluindo devido a variadíssimos fatores: temporais, espaciais, técnicos, sociais, culturais, entre outros. Por essa razão, somada ao facto dos designers atualmente demonstrarem um crescente interesse nesta área, torna-se relevante compreender melhor os diferentes aspetos e conceitos relacionados com os modos de representação de letras e as suas práticas, de maneira a que nos mais diversos contextos, quer profissional, quer pedagógico, se comunique com maior assertividade e clareza.

Diversos autores (Baines & Haslam, 2002; Dias & Félix, 2012; Hernestrosa, Meseguer, & Scaglione, 2012; Noordzij, 2009; Smeijers, 2011; Willen & Strals, 2009) apontam três modos distintos de representação gráfica de letras: a escrita e caligrafia; o *lettering* ou letras desenhadas; e a tipografia e os tipos de letra.

O presente artigo pretende, através de uma revisão da literatura, investigar estes três modos de representação, refletindo sobre a sua evolução, os aspetos formais, bem como os processos construtivos que permitem distinguir e compreender melhor as suas especificidades.

Cada um destes processos possui características, utilizações e limites próprios (Smeijers, 2011) que serão abordados ao longo deste artigo.

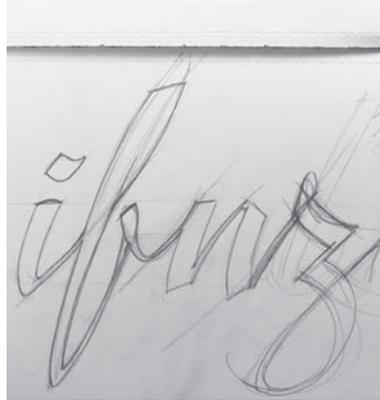
## ESCRITA E CALIGRAFIA

A escrita foi o único meio de produção de texto até à chegada da composição tipográfica (Hudson, 2012). A definição do termo *escrita* pode conter vários significados, consoante o contexto. Basta aceder-se a um dicionário para se reparar nas várias acessões do termo. No que se refere mais especificamente ao Design de Comunicação, a escrita define-se como a representação de pensamentos e palavras por meio de um sistema de signos gráficos convencionais utilizados para escrever (p. ex.: escrita alfabética, silábica, ideográfica, hieroglífica). No presente estudo interessa também explorar o desenho formal da escrita, aquilo que a particulariza e, por vezes, a eleva ao estatuto de arte (Fairbank, 1977; Mediavilla, 1996).

Na génese da escrita alfabética estão as letras que são produzidas manualmente, ou com outras partes do corpo e, normalmente, concebidas num único traço (Noordzij, 2009; Smeijers, 2011), não havendo lugar à correção. Noordzij (2001) refere que na escrita, as letras e as palavras são feitas em simultâneo. Segundo Smeijers (2011), a escrita é o processo corporal de produzir letras, independentemente do instrumento de escrita e do suporte utilizado.

As formas de escrita manual foram-se alterando ao longo do tempo e dependem do contexto, isto é, da função dos textos, do público-alvo e do papel que a sociedade lhes foi atribuindo. Willen e Strals (2009) referem-se à escrita como um desenho manual da letra para comunicações rápidas e com poucas preocupações estéticas. De facto,

Porto  
 2012  
 Dear Vitor  
 thank you  
 for the  
 nice  
 conference  
 frd.



**Fig. 1** Letras escritas de forma rápida numa dedicatória, por Fred Smeijers. Observe-se que há partes de letras ou conjuntos de letras que são realizados num único movimento, sem levantar o instrumento de escrita do papel.

**Fig. 2** *Lettering* ou letras desenhadas num esboço de Rui Abreu para o tipo de letra *Grafolita*. Como se pode observar, os traços e as formas podem ser retocados variadas vezes.

**Fig. 3** O tipo de letra *Zapfino*, inspirado na caligrafia de Hermann Zapf, faz uso extensivo de ligaturas e caracteres alternativos para simular a riqueza gráfica da caligrafia.

na escrita, o autor imprime uma personalidade própria dentro de uma composição gestual, quase coreográfica, mais ou menos contida, dependendo da finalidade do texto. A individualidade e a singularidade serão as suas características mais importantes. A escrita, no entanto, não é somente um conjunto de símbolos fonéticos, para a mera notação quotidiana. Os elementos estéticos, expressivos e emocionais, contidos em cada traço transformam-se numa linguagem visual, que se sobrepõe ao significado funcional do texto, sendo ambos percebidos pelo leitor (Mandel, 2006).

À bela escrita manual atribui-se o termo *caligrafia*, palavra que, etimologicamente, surge do grego *Kalligraphia* (*kallós* = belo + *graphein* = escrita). Caligrafia é a escrita manual realizada como fim em si mesma, ao serviço da qualidade das formas (Noordzij, 2009).

A caligrafia poderá então definir-se como a arte e o estudo da escrita à mão (Jury, 2007), através da qual se formam letras de uma maneira expressiva, harmoniosa e habilidosa. Pode ainda considerar-se como uma técnica ou meio para a representação correta da escrita servindo, conseqüentemente, para aprender e entender os princípios básicos das formas das letras, a sua estrutura e construção, assim como a relação direta das formas com os instrumentos de escrita e os movimentos da mão. Tracy (1986) distingue a caligrafia das letras desenhadas quando refere que a caligrafia deve ser entendida como escrita, no sentido da execução, em que o calígrafo escreve palavras e não desenha letras.

Foram vários os autores (Fairbank, 1977; Johnston, 1906; Noordzij, 2009) que, ao longo dos tempos, estudaram, ensinaram e desenvolveram a caligrafia, tomando em consideração o facto de a disciplina estar intimamente ligada à sistematização do desenho de letras. Apesar dos desenvolvimentos tecnológicos terem esmorecido a atenção que é dada atualmente, quer à prática, quer ao ensino de modelos caligráficos nos contextos educativos, no contexto específico do Design, pelo contrário, o interesse pela influência da caligrafia no desenvolvimento de novos desenhos de letras, *letterings* e tipos de letra, tem sido exponencial (Dias & Félix, 2012). Isso mesmo poderá ser constatado no trabalho de designers como Hermann Zapf e a sua esposa Gudrum Zapf-Von Hesse, que fizeram uso da caligrafia para criar tipos famosos

como o *Zapf Chancery*, *Zapfino* ou *Diotima*, bem como, no trabalho do designer de tipos português Dino dos Santos, que também se inspirou na caligrafia para criar revivalismos e interpretações originais de tipos de letra, como *Ventura* ou *Andrade*.

#### LETTERING OU LETRAS DESENHADAS

O termo inglês *lettering*, talvez pela dificuldade em se encontrar uma tradução satisfatória, tem sido adotado como termo específico para se referir às letras que são desenhadas, por oposição às escritas. Há, no entanto, quem o utilize de uma forma mais ampla para se referir a qualquer tipo de representação de letras (Waters, n.d.), principalmente as decorativas.

No âmbito do Design, designa-se por *lettering*, ou letras desenhadas, as letras que se formam para uma composição específica, partindo de um processo construtivo baseado no desenho, independentemente de se utilizar uma técnica manual ou digital, que pode ser posteriormente reproduzido, o que leva Willen e Strals (2009) a definirem a construção destas letras como resultado de múltiplas ferramentas ou processos.

Comparativamente com as letras escritas, que se escrevem num fluxo contínuo, o *lettering* ou as letras desenhadas são processualmente mais demoradas, requerendo um estudo prévio antes das letras serem traçadas ou desenhadas. Noordzij (2009) define o *lettering* ou letras desenhadas, como escrita através de formas construídas, aquilo que também Smeijers (2011) refere como letras cujas partes mais significativas são produzidas por mais do que um traço. Ambos lembram também que as formas das letras podem ser retocadas e corrigidas à medida que são produzidas para melhorar a qualidade da forma, distinguindo-se, assim, das letras escritas. Como na escrita, também nas letras desenhadas não existem duas formas de letras iguais e as suas relações espaciais são mais elásticas, distinguindo-se da constante repetição de caracteres existentes nos sistemas tipográficos (Haslam, 2011; Willen & Strals, 2009). As letras desenhadas são também independentes do instrumento ou suporte utilizado, tal como as letras escritas, podendo inclusivamente fazer-se o uso de programas informáticos (Baines & Haslam, 2002; Haslam 2011). Como notou Gray (1986), o resultado final de uma composição com letras desenhadas tem, normalmente, uma formalidade e uma importância acima da legibilidade, o que eleva os seus aspetos artísticos ou expressivos.

Exemplos de letras desenhadas surgem em aplicações específicas, não permitindo a alteração da sua ordem sem se perder o sentido.

O *lettering* aproxima-se da tipografia no sentido em que as letras, depois de desenhadas, podem ser recortadas e combinadas de várias formas, mas o espaçamento e o alinhamento são determinados pela mão e não pela máquina (Smeijers, 2011). A sua aparência visual, tal como na escrita, é influenciada pelo contexto. Alguns apresentam referências tipográficas, outros caligráficas, e ainda há aqueles que têm como base construtiva o desenho. Como refere Kisman (2004), o *lettering* funciona como expressão de uma identidade. Um logótipo desenhado digitalmente, letras desenhadas num *graffiti*, uma declaração de amor gravada numa árvore, uma sinalética em néon numa fachada de um edifício ou letras gravadas num bloco de mármore, são exemplos de possíveis aplicações.

#### A TIPOGRAFIA E OS TIPOS DE LETRA

Definições sobre o termo *tipografia* abundam e a variedade de significados e interpretações demonstram como o conceito é rico na sua influência. De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, da Academia das Ciências de Lisboa (2001), tipografia designa: “1. Arte de compor e imprimir, reproduzindo o texto por meio de caracteres, de tipos. 2. Oficina ou estabelecimento onde se imprimem textos; oficina tipográfica – gráfica” (p. 3567). O dicionário de presença *on-line* Infopédia (2015) define-a como: “1. arte de compor e imprimir. 2. oficina onde se realizam as operações essenciais à composição e impressão. 3. sistema de imprimir com formas em relevo (tipos). 4. configuração e arranjo do texto”. As definições encontradas nos pontos 1, 3 e 4 são as que possuem maior relação com este estudo, ficando claro que não se focará o espaço comercial que atualmente designamos por *gráfica*.

Morison definiu o termo da seguinte forma, no artigo intitulado *First Principles of Typography*, publicado inicialmente na revista *The Fleuron*, em 1930:

Typography may be defined as the craft of rightly disposing printing material in accordance with specific purpose; of so arranging the letters, distributing the space and controlling the type as to aid to the maximum the reader's comprehension of the text.<sup>1</sup> (Morison, 2004. p. 170)

De acordo com estas definições, torna-se evidente que a tipografia é um ofício, uma arte e uma tecnologia que terá sido introduzida na Europa em meados do século xv, com a criação dos tipos móveis de Gutenberg e o nascimento da imprensa. O termo *tipografia* engloba, assim, uma série de atividades distintas relacionadas com o desenho e a composição de tipos, surgindo intimamente ligado à invenção e desenvolvimento da impressão com tipos móveis. Gill (1931), na mesma linha de pensamento, define-a como a reprodução da escrita através do uso de tipos móveis. No entanto, e como refere Bil'ak (2007), as letras criadas digitalmente e que surgem nos dispositivos eletrónicos não se encontram nesta definição e, de facto, a tipografia é hoje em dia, muito diferente do que o era há umas décadas atrás (Jury, 2007).

Ao longo dos anos, as definições têm-se alterado para refletir, abarcar ou simplificar o seu espetro, adaptando-se ao tempo e ao espaço onde são proferidas. Baines e Haslam (2002) apontam para uma definição mais ampla da tipografia, definindo-a como a notação mecânica e o arranjo da linguagem. No entanto, e como sugere Armstrong (2004), a definição corre o risco de ser demasiado genérica, podendo a mesma ser utilizada, por exemplo, para descrever a notação musical. Bringhurst (2004) especifica o tipo de linguagem, definindo tipografia como o ofício que dá forma visível e durável e, portanto, existência independente, à linguagem humana. Farias (2001) define tipografia, no seu sentido mais amplo, como:

... o conjunto de práticas subjacentes à criação e utilização de símbolos visíveis relacionados aos caracteres ortográficos (letras) e para-ortográficos (tais como números e sinais de pontuação) para fins de reprodução, independentemente do modo como foram criados (à mão livre, por meios mecânicos) ou reproduzidos (impressos em papel, gravados em um documento digital). (p. 15)

<sup>1</sup> Tradução livre (TL) “Tipografia poderá ser definida como a arte de dispor corretamente o material de impressão de acordo com um propósito específico; consiste no arranjo das letras, distribuição do espaço vazio e controlo dos tipos de letra com vista a maximizar a leitura e compreensão de um texto.”

Estas definições parecem não contemplar de forma deliberada as ferramentas, os processos e as tecnologias que estiveram na génese do termo, por forma a incluir também as atuais manifestações dos tipos digitais e, de forma abrangente, abordar tanto o desenho como a composição com tipos. Porém, no âmbito específico do design de tipos de letra, a definição de Noordzij (2009) mantém-se consensual entre a comunidade de designers: “Typography is writing with prefabricated letters”<sup>2</sup> (p. 49). Pode-se assim definir tipografia como a forma de representação gráfica da linguagem que conta com modelos preestabelecidos, sejam os tipos enquanto objetos físicos e móveis, seja num um tipo digital.

A relação entre escrita e tipografia é fundamental, como se verifica na definição de McLean (2000), quando refere que a tipografia é a escrita idealizada adaptada a um fim específico. Também Ong (1970) já havia notado que os tipos de letra comprometem a palavra no espaço ainda mais do que a escrita o faz, uma vez que nas impressões tipográficas as palavras são formadas a partir de elementos preexistente – os tipos.

Para Willen e Strals (2009), a capacidade de criar e reproduzir caracteres preexistentes através de uma única ação diferencia a tipografia da escrita ou do *lettering*. Na tipografia, a composição das palavras, tal como a criação das letras, é determinada pela máquina (Smeijers, 2011). O tamanho e posição dos elementos, ou aquilo a que Kupferschmid (2008) apelida de *parâmetros tipográficos*<sup>3</sup>, podem ser exatamente especificados para serem reproduzidos por qualquer pessoa e em qualquer lugar. Estas duas características são naturais para a tipografia, mas impossíveis na escrita ou no *lettering*.

Os tipos de letra foram inventados para a reorganização infinita das suas partes, não se constituindo como um fim em si mesmo, mas sim como um sistema de relações poderosas que permite realizar inúmeras composições. Nesse sentido, o desenho dos contornos de cada letra ou símbolo constituente de um tipo de letra é apenas o início do processo, já que o seu autor deverá certificar-se que a variação das formas dos caracteres, independentemente das suas combinações, demonstra consistência, constituindo um todo unificado (Leonidas, 2012; Pohlen, 2011).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, a representação gráfica de letras faz parte da rotina de qualquer profissional. No sentido estrito do Design, pretendeu-se esclarecer ou despertar a sensibilidade, para as suas particularidades metodológicas e técnicas, relevantes na criação de projetos gráficos funcionais e, complementarmente, distintos.

Ao longo deste artigo foi possível clarificar que a escrita e a caligrafia, o *lettering* ou as letras desenhadas, e a tipografia e os tipos de letra são três modos distintos de representação gráfica de letras, seja nos aspetos formais e modelos estruturais, seja pelos seus usos e aplicações. Ao se clarificar conceptualmente estes três modos de representação gráfica de letras, pretendeu-se contribuir, também do ponto de vista pedagógico, para o aumento da informação e conhecimento nesta matéria específica, bem como para a sua interpretação e aplicação adequada.

A escrita e caligrafia, o *lettering* ou letras desenhadas, e a tipografia e os tipos de letra têm, de facto, muito pouco em comum uns com os outros, excetuando que todos

2 TL “Tipografia é escrita com letras pré-fabricadas.”

3 Seguindo o exemplo da autora, parâmetros tipográficos são: fonte, tamanho, entrelinha (*leading*), alinhamento (justificado ou irregular), espaço entre os vários caracteres – entreletra (*tracking*), espaço entre pares de caracteres específicos (*kerning*), o comprimento da linha como, por exemplo, em: *ITC Garamond Light*, 14/18 pt, alinhado à esquerda, sem hifenização, *tracking* 0, comprimento de linha de 140 mm, parágrafos indented em 1 em (Kupferschmid, 2008).

os três processos usam signos a que chamamos letras. Essas diferenças são o que permitem também a sua coexistência e complementaridade ainda nos dias de hoje, apesar de todos os desenvolvimentos tecnológicos.

#### REFERÊNCIAS

- Armstrong, F. (2004). Hearing Type. In S. Heller (Ed.). *The Education of a Typographer*. New York: Allworth Press.
- Baines, P., & Haslam, A. (2002). *Type and typography*. London: Laurence King Publishing.
- Bil'ak, P. (2007). *What is typography*. Recuperado em 23 de junho de 2010, de [https://www.typotheque.com/articles/what\\_is\\_typography](https://www.typotheque.com/articles/what_is_typography)
- Bringinghurst, R. (2004). *The Elements of Typographic Style* (3<sup>rd</sup> ed.). Point Roberts, wa: Hartley & Marks. (Obra original publicada em 1992)
- Dias R., & Félix A. (2012). Uma perspectiva sobre letras: escrita e caligrafia / lettering / tipos de letra e tipografia. In V. Quelhas, H. T. Marques, R. Mendonça (Eds.). *III Encontro de Tipografia: Livro de Atas*. Porto: Edição eletrônica do III Encontro de Tipografia, DAI.ESMAE.IPP. ISBN 978-989-20-3439-3.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea: Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Verbo.
- Fairbank, A. (1977). *A book of scripts* (3rd ed.). London: Faber and Faber.
- Farias, P. (2001). *Tipografia digital. O impacto das novas tecnologias* (3.<sup>a</sup> ed.). Rio de Janeiro: 2AB.
- Gill, E. (1931). *An Essay on Typography*. London: J. M. Dent & Sons.
- Gray, N. (1986). *A history of lettering*. Oxford: Phaidon Press Limited.
- Haslam, A. (2011). *Lettering: A Reference Manual of Techniques*. London: Laurence King Publishing.
- Hernestrosa, C., Meseguer, L., & Scaglione, J. (2012). *Cómo crear tipografías: Del Boceto a la Pantalla*. Madrid: Typo e Editorial.
- Hudson, J. (2012). *How are calligraphy and type design related?*. Recuperado em 10 de maio de 2010, de <http://typophile.com/node/96955>
- Infopédia (2015). *Tipografia*. Recuperado em 08 de junho de 2010, de <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/tipografia>
- Johnston, E. (1906). *Writing & Illuminating & Lettering*. London: John Hogg.
- Jury, D. (2007). *O que é a tipografia?*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL.
- Kisman, M. (2004). The Language of Letters. In S. Heller (Ed.). *The Education of a Typographer* (pp. 111–115). New York: Allworth Press.
- Kupferschmid, I. (2008). *Typography ≠ lettering ≠ writing*. Recuperado em 23 de junho de 2010, de: <http://kupferschrift.de/cms/2010/11/deftypography/>
- Leonidas, G. (2012). Type design and development. In J. Tselentis et al. *Typography referenced: A Comprehensive Visual Guide to the Language, History, and Practice of Typography*. Beverly: Rockport Publishers.
- Mandel, L. (2006). *Escritas, espelho dos homens e das sociedades* (trad. Constância Egrejas). São Paulo: Edições Rosari.

- Mclean, R. (2000). *The Thames & Hudson Manual of Typography*. London: Thames & Hudson. (Obra original publicada em 1980)
- Mediavilla, C. (1996). *Calligraphy: from calligraphy to abstract painting*. Brussels: Scirpus Publications.
- Morison, S. (2004). First Principles of Typography. In S. Heller & P. B. Meggs (Ed.). *Texts on Type: Critical Writings on Typography* (pp. 170–177). New York: Allworth Press. (Original publicado em 1930)
- Noordzij, G. (2009). *The Stroke: Theory of Writing*. London: Hyphen Press.
- Noordzij, G. (2001). *Letterletter: An Inconsistent Collection of Tentative Theories That Do Not Claim Any Other Authority Than That of Common Sense*. Vermont: Hartley & Marks Inc.
- Ong, W. (1970). 'Comment: Voice, Print, and Culture', *Visible Language*, Volume IV, Number 1, pp.77–83
- Pohlen, J. (2011). *Letter fountain: the anatomy of type*. Cologne: Taschen.
- Smeijers, F. (2011). *Counterpunch: making type in the sixteenth century, designing typefaces now* (2nd ed.). London: Hyphen Press.
- Tracy, W. (1986). *Letters of credit. A view of type design*. London: Gordon Fraser.
- Waters, J. (n.d.). *Calligraphy, lettering and typeface design*. Recuperado em 08 de outubro de 2011, de <http://www.calligraphersguild.org/julian.html>
- Willen, B., & Strals, N. (2009). *Lettering and type*. New York: Princeton Architectural Press.



